

Metodologias ativas na Educação Básica: construindo saberes com autonomia e protagonismo estudantil

Tyson Reis Pintoⁱ 

Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, AM, Brasil

Resumo

Este artigo analisa o uso de metodologias ativas na Educação Básica como estratégias para promover uma aprendizagem significativa, centrada na autonomia e no protagonismo estudantil. Fundamentado em autores como Dewey, Freire, Vygotsky e Moran, o estudo discute práticas como a Aprendizagem Baseada em Projetos, Sala de Aula Invertida, Gamificação e Ensino Híbrido, destacando suas potencialidades e desafios. Em oposição às abordagens tradicionais, essas metodologias valorizam a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento, por meio da investigação, colaboração e uso de tecnologias digitais. O texto também aborda questões como a formação docente, reorganização escolar e resistências institucionais, defendendo que, com planejamento intencional e apoio institucional, é possível construir práticas pedagógicas inovadoras e inclusivas. Conclui-se que as metodologias ativas contribuem para o desenvolvimento de sujeitos críticos, criativos e socialmente engajados.

Palavras-chave: Metodologias Ativas. Educação Básica. Protagonismo Estudantil. Autonomia. Inovação Pedagógica.

Active methodologies in Basic Education: building knowledge with autonomy and student protagonism

Abstract

This article analyzes the use of active methodologies in Basic Education as strategies to promote meaningful learning, centered on student autonomy and protagonism. Based on authors such as Dewey, Freire, Vygotsky, and Moran, the study discusses practices such as Project-Based Learning, Flipped Classroom, Gamification, and Hybrid Learning, highlighting their potential and challenges. Unlike traditional approaches, these methodologies value students' active participation in the construction of knowledge through inquiry, collaboration, and the use of digital technologies. The text also addresses issues such as teacher training, school reorganization, and institutional resistance, arguing that, with intentional planning and institutional support, it is possible to develop innovative and inclusive pedagogical practices. The study concludes that active methodologies contribute to the development of critical, creative, and socially engaged individuals.

Keywords: Active Methodologies. Basic Education. Student Leadership. Autonomy. Pedagogical Innovation.

1 Introdução

A educação do século XXI demanda transformações profundas nas práticas pedagógicas, de modo a responder às exigências de um mundo cada vez mais complexo, digital e interconectado. A rapidez com que as tecnologias se renovam, a fluidez das relações sociais e o dinamismo do mercado de trabalho exigem que a escola vá além da mera transmissão de conteúdo. Nesse cenário, torna-se urgente repensar o papel do professor, o currículo, as metodologias de ensino e os processos avaliativos, de forma a formar sujeitos críticos, autônomos, criativos e socialmente engajados. Para Moran (2015, § 6º):

Bons professores são as peças-chave na mudança educacional. Os professores têm muito mais liberdade e opções do que parece. A educação não evolui com professores mal preparados. Preparam superficialmente as aulas e vão incorporando esses modelos, que se tornam hábitos cada vez mais enraizados (Moran, 2015, Mudanças Estruturais na Educação, § 6º).

O modelo tradicional de ensino, ainda dominante em muitas instituições de Educação Básica, fundamenta-se em uma pedagogia bancária, na qual o professor é o detentor do saber e o aluno um mero receptor passivo. Essa concepção, fortemente criticada por Paulo Freire, caracteriza-se pela ausência de diálogo e pela negação da experiência do educando como ponto de partida para a construção do conhecimento (Freire, 2021). Essa abordagem, além de desestimular o pensamento reflexivo, mostra-se ineficaz frente às atuais demandas formativas, que exigem a integração entre conhecimentos, habilidades e atitudes.

Em contraposição, as metodologias ativas emergem como caminhos potentes para a construção de uma educação mais significativa, personalizada e conectada com a vida dos estudantes. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador da educação brasileira, reforça a necessidade de desenvolver competências que possibilitem ao aluno compreender e atuar criticamente no mundo, destacando:

No Ensino Médio, a área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias propõe que os estudantes possam construir e utilizar conhecimentos específicos da área para argumentar, propor soluções e enfrentar

desafios locais e/ou globais, relativos às condições de vida e ao ambiente (BRASIL, 2018, p. 470).

Essa orientação é expressa a uma concepção de aprendizagem ativa, situada, interdisciplinar e voltada à resolução de problemas reais, aspectos esses que são centrais das metodologias ativas.

A literatura educacional contemporânea, representada por autores como Moran (2015), Bacich e Moran (2018), Mattar e Almeida (2023) e Valente e Almeida (2021), tem destacado as metodologias ativas como estratégias que colocam o estudante no centro do processo de ensino-aprendizagem. Esses autores defendem que a aprendizagem torna-se mais significativa quando o aluno participa ativamente da construção do conhecimento, por meio da colaboração, investigação e resolução de problemas reais. Para Moran (2015, p. 15), “as metodologias ativas ajudam o aluno a aprender de forma mais significativa e autônoma. Elas partem do princípio de que o estudante aprende melhor quando está envolvido ativamente na construção do conhecimento, em vez de ser apenas um receptor passivo de informações”.

Práticas como a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), a Sala de Aula Invertida, a Gamificação e o Ensino Híbrido têm ganhado espaço na Educação Básica como alternativas para tornar o ambiente escolar mais dinâmico, inclusivo e conectado à realidade dos alunos (Almeida; Mattar, 2022; Bacich; Moran, 2018). Essas estratégias não apenas favorecem o engajamento, mas também ampliam as possibilidades de aprendizagem, por meio de experiências interativas, colaborativas e desafiadoras. Entretanto, implementar metodologias ativas requer mais do que a simples adoção de novas ferramentas ou técnicas pedagógicas. Exige uma mudança de mentalidade dos educadores, um redesenho do currículo e uma reorganização do tempo e do espaço escolares (Mattar; Almeida, 2023). Também pressupõe uma escuta atenta às necessidades e interesses dos alunos, respeitando seus contextos socioculturais e ritmos de aprendizagem. Como aponta Morin (2015), é necessário educar para a compreensão, para a incerteza e para a complexidade, dimensões essas cada vez mais presentes em nossa realidade. Pacheco (2014, p. 27), aponta que:

A escola é uma construção social, portanto, não é um dado natural, eterno ou imutável. Ela foi construída por pessoas e pode ser reconstruída por pessoas. O modelo de escola que ainda predomina foi concebido em uma época que já passou. Se a sociedade mudou, se os alunos mudaram, se o conhecimento mudou, então a escola também precisa mudar. O professor não pode mais ser apenas um transmissor de conteúdos. Ele precisa ser um mediador, um orientador da aprendizagem, alguém que escuta, provoca, desafia e aprende junto. Isso exige uma ruptura com práticas cristalizadas, exige coragem para transformar a sala de aula num espaço de diálogo, cooperação e sentido” (Pacheco, 2014, p. 27).

O presente artigo analisa o uso das metodologias ativas na Educação Básica, explorando seus fundamentos teóricos, exemplos práticos de aplicação e os desafios e potencialidades envolvidos em sua implementação. A proposta é refletir sobre como essas estratégias podem contribuir para o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais, alinhadas a uma educação transformadora, participativa e voltada à emancipação dos sujeitos.

2 Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza teórico-reflexiva, desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica narrativa. Esse tipo de revisão é adequado para integrar e analisar produções científicas diversas, permitindo discutir conceitos, fundamentos e práticas relacionadas às metodologias ativas na Educação Básica (Gil, 2019; Marconi; Lakatos, 2017). A escolha dessa abordagem justifica-se pela finalidade do estudo, que consiste em analisar os princípios pedagógicos que sustentam as metodologias ativas, suas formas de aplicação e os desafios enfrentados pelos educadores na contemporaneidade.

A revisão foi construída a partir de dois eixos teóricos, sendo eles, autores clássicos, fundamentais para a compreensão dos princípios da aprendizagem ativa, dialógica e sociocultural (John Dewey, Paulo Freire e Lev Vygotsky), e, ainda, autores contemporâneos, cujas contribuições aprofundam discussões sobre complexidade, inovação pedagógica e integração tecnológica (Edgar Morin e José Moran). Esses autores foram selecionados por sua relevância na constituição de referenciais críticos

sobre a aprendizagem centrada no estudante e a reorganização das práticas pedagógicas.

Para complementar as bases teóricas, foram analisados artigos científicos, livros e documentos educacionais publicados entre 2011 e 2024. A busca foi realizada nas bases SciELO, Google Scholar e no Portal de Periódicos da CAPES, utilizando descritores como “metodologias ativas”, “Educação Básica”, “Aprendizagem Baseada em Projetos”, “sala de aula invertida”, “gamificação” e “ensino híbrido”. Ao final da busca, foram identificadas 27 publicações potencialmente relevantes, das quais 12 atenderam aos critérios de inclusão e passaram a compor o corpus documental desta revisão, incluindo obras clássicas de Dewey (2011), Freire (2021) e Vygotsky (2007), e produções contemporâneas sobre inovação pedagógica, como Bacich e Moran (2018), Almeida e Mattar (2022), Mattar e Almeida (2023), Valente e Almeida (2021) e Barros e Souza (2020).

Os critérios de inclusão contemplaram produções que tratam diretamente de metodologias ativas na Educação Básica, publicadas entre 2011 e 2024, com consistência teórica e relevância científica. Foram excluídos estudos focados exclusivamente no ensino superior, textos sem revisão por pares, duplicados ou que não abordavam práticas de aprendizagem ativa. Assim, o corpus resultante permitiu uma análise crítica consistente sobre as abordagens mais recorrentes e suas implicações para o contexto escolar. A análise desenvolvida busca articular os referenciais teóricos com práticas pedagógicas documentadas na literatura, de modo a construir uma reflexão crítica sobre o potencial transformador das metodologias ativas.

Por não envolver coleta de dados empíricos, o presente estudo não se propõe a apresentar resultados estatísticos ou observacionais, mas sim a produzir um diálogo crítico e propositivo acerca das contribuições e limites das metodologias ativas para a construção de uma escola mais significativa, democrática e centrada no aluno.

3 Resultados e Discussões

A adoção das metodologias ativas na Educação Básica tem produzido resultados promissores, especialmente no que diz respeito ao engajamento dos estudantes, à melhoria da participação nas aulas e ao desenvolvimento de competências cognitivas, emocionais e sociais. Estudos recentes, como os de Bacich e Moran (2018) e Valente e Almeida (2021), apontam que essas abordagens favorecem a aprendizagem significativa ao conectar os conteúdos escolares com experiências reais, estimulando a autonomia, a cooperação, a criatividade e o pensamento crítico.

Na prática docente, estratégias como a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) têm promovido transformações significativas no cotidiano escolar. Estudos como o de Valente e Almeida (2021) descrevem experiências em escolas públicas brasileiras em que estudantes do Ensino Fundamental desenvolveram projetos interdisciplinares sobre sustentabilidade, articulando pesquisas de campo, entrevistas com a comunidade e propostas de intervenção local. Esses projetos integraram conteúdos de Ciências, Geografia, Português e Matemática, favorecendo uma aprendizagem contextualizada e socialmente relevante.

De forma complementar, Mattar e Almeida (2023) destacam que práticas interdisciplinares baseadas em problemas reais ampliam o engajamento e o protagonismo estudantil, uma vez que mobilizam múltiplas competências e incentivam a colaboração entre os alunos. Assim, a literatura evidencia que a ABP contribui para um processo formativo mais instigante, integrado e significativo para todos os envolvidos (Valente; Almeida, 2021; Mattar; Almeida, 2023).

Outra metodologia amplamente difundida é a sala de aula invertida, que tem sido aplicada com êxito em turmas do Ensino Fundamental II. Ao acessar previamente materiais como vídeos, podcasts e textos, os alunos chegam às aulas presenciais mais preparados para discussões aprofundadas e atividades práticas. Isso contribui para um uso mais eficiente do tempo pedagógico, fortalece o raciocínio lógico e estimula o protagonismo estudantil (Barros; Souza, 2020). A abordagem tem se mostrado ainda mais eficaz em contextos de ensino híbrido, combinando momentos síncronos e assíncronos e explorando múltiplas linguagens e tecnologias. Segundo Bacich e Moran (2018), a Sala de Aula Invertida potencializa seus resultados quando

integrada a modelos híbridos, pois amplia o tempo de aprendizagem, favorece a personalização e possibilita que o espaço presencial seja dedicado a atividades colaborativas e de maior complexidade.

A abordagem tem se mostrado ainda mais eficaz em contextos de ensino híbrido, combinando momentos síncronos e assíncronos e explorando múltiplas linguagens e tecnologias. Pesquisas recentes na área de inovação educacional apontam que a articulação entre a Sala de Aula Invertida e modelos híbridos favorece a personalização do ensino, amplia o tempo de aprendizagem e potencializa atividades colaborativas em sala. Nesse sentido, diversos autores que discutem práticas ativas no Brasil destacam que a integração entre ambientes digitais e presenciais fortalece o protagonismo dos estudantes e permite uma mediação docente mais qualificada.

A gamificação, por sua vez, tem se revelado uma estratégia altamente envolvente, especialmente entre os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O uso de elementos de jogos, como desafios, recompensas simbólicas, níveis de progressão e avatares, transforma o ambiente escolar em um espaço lúdico e motivador. Ferramentas como Kahoot, ClassDojo e plataformas adaptativas têm sido utilizadas com sucesso por professores que buscam aumentar o engajamento dos estudantes e estimular a autorregulação da aprendizagem. Essa abordagem, de gamificação de espaços educativos transforma e contribui para a formação de competências como persistência, cooperação e tomada de decisão (Silva; Santos, 2022).

Entretanto, apesar dos resultados positivos, a implementação das metodologias ativas ainda enfrenta diversos desafios no contexto da Educação Básica. Um dos principais entraves é a ausência de formação continuada específica, que capacite os professores para planejar, executar e avaliar práticas pedagógicas inovadoras para esse cenário de transformação e alcance de resultados.

Muitos docentes relatam insegurança ao utilizar metodologias ativas, sobretudo quando não há apoio institucional ou infraestrutura adequada (Bacich; Moran, 2018). Além disso, a cultura escolar tradicional, marcada pela centralidade do professor e pela ênfase em avaliações padronizadas, muitas vezes desestimula a

adoção de práticas mais abertas, colaborativas e investigativas. A análise das obras consultadas permitiu identificar que determinadas metodologias ativas têm recebido maior destaque na literatura educacional contemporânea. O corpus desta revisão, composto por 12 produções entre artigos, livros e documentos oficiais que revelam quatro metodologias ativas que se destacam, incluindo produções clássicas, como *Democracia e Educação*, de Dewey (2011); *Pedagogia do Oprimido*, de Freire (2021); e *A formação social da mente*, de Vygotsky (2007), bem como publicações contemporâneas que discutem inovação pedagógica, entre elas Bacich e Moran (2018), Valente e Almeida (2021) e Mattar e Almeida (2023).

Em conjunto, essas obras evidenciam que a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP) aparece de forma recorrente como uma estratégia que favorece aprendizagens contextualizadas e interdisciplinares. A Sala de Aula Invertida também é amplamente discutida, sobretudo em trabalhos que tratam da reorganização do tempo pedagógico e da promoção da autonomia estudantil.

A Gamificação surge como abordagem capaz de potencializar o engajamento e a autorregulação por meio de elementos lúdicos, enquanto o Ensino Híbrido é apresentado como uma perspectiva integradora que articula práticas presenciais e digitais. A leitura crítica desse conjunto de obras demonstra que essas quatro metodologias compõem o núcleo das discussões atuais sobre práticas inovadoras na Educação Básica.

A falta de recursos tecnológicos também é um fator limitante. Em muitas escolas públicas, o acesso à internet, equipamentos e plataformas digitais é restrito ou inexistente, o que compromete a aplicação de metodologias que dependem de suporte tecnológico. Essa medida de superação desses obstáculos requer investimentos em políticas públicas que garantam a inclusão digital, bem como iniciativas que promovam a equidade no acesso à inovação educacional (Lima; Oliveira, 2023).

Outro aspecto importante refere-se ao planejamento pedagógico intencional. As metodologias ativas não são fórmulas prontas: sua eficácia depende da articulação entre teoria e prática, da clareza dos objetivos de aprendizagem e da avaliação processual. Professores precisam elaborar sequências didáticas bem estruturadas,

com atividades diversificadas, acompanhamento contínuo e espaços para feedback formativo. A mediação docente torna-se essencial para orientar os estudantes e garantir que o protagonismo não signifique abandono ou desorientação (Mattar; Almeida, 2023). Podemos observar essas metodologias ativas de forma organizada com base em suas recorrências e catalogação.

Por fim, destaca-se que o uso das metodologias ativas contribui para tornar a escola um espaço mais democrático, inclusivo e significativo, no qual os estudantes são reconhecidos como sujeitos de direitos e de saberes. Quando bem planejadas e contextualizadas, essas práticas ampliam as possibilidades de aprendizagem e favorecem a formação integral dos alunos, conectando o currículo escolar às demandas sociais contemporâneas e à vida cotidiana.

4 Considerações finais

As metodologias ativas representam uma importante alternativa às práticas pedagógicas tradicionais ainda presentes em grande parte das escolas da Educação Básica. Ao colocarem o estudante como sujeito ativo na construção do próprio conhecimento, essas abordagens valorizam a autonomia, o pensamento crítico, a colaboração e o protagonismo juvenil, que são competências fundamentais para a formação integral no século XXI.

Ao longo deste artigo, evidenciou-se que estratégias como a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), a Sala de Aula Invertida, a Gamificação e o Ensino Híbrido podem tornar o processo educativo mais significativo, especialmente quando contextualizadas à realidade dos alunos e mediadas por professores comprometidos com a inovação e com uma educação humanizadora, uma vez que todos esses aspectos foram discutidos. Observa-se que, mesmo diante de limitações estruturais, é possível desenvolver práticas inovadoras e transformadoras, desde que haja intencionalidade pedagógica, planejamento colaborativo e investimento na formação docente.

No entanto, a adoção das metodologias ativas exige mudanças profundas na cultura escolar, incluindo novas formas de organizar o tempo, o espaço, os recursos

e a avaliação da aprendizagem. Enfrentar esses desafios requer um enorme envolvimento de toda a comunidade educativa, além de políticas públicas que incentivem a inovação com equidade.

Conclui-se, portanto, que o uso consciente e contextualizado das metodologias ativas pode contribuir significativamente para a construção de uma escola mais democrática, inclusiva e alinhada às necessidades dos estudantes e da sociedade contemporânea. Mais do que uma técnica, trata-se de uma postura pedagógica que valoriza o diálogo, a experiência e a formação de sujeitos críticos e criativos.

Referências

ALMEIDA, M. E. B.; MATTAR, J. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. São Paulo: Loyola, 2022.

BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2018.

BARROS, F. R.; SOUZA, A. L. A sala de aula invertida no ensino fundamental: contribuições para o protagonismo estudantil. Revista Educação em Foco, Juiz de Fora, v. 25, n. esp., p. 123-137, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22195/2447-5246>. Acesso em: 05 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 out. 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LIMA, Rodrigo; OLIVEIRA, Fabiana. Inclusão digital e inovação pedagógica: desafios da escola pública no século XXI. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 46, n. 1, p. 54-71, 2023. DOI: <https://doi.org/10.15210/caduc.v46i1.21903>. Acesso em: 05 out. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MATTAR, J.; ALMEIDA, M. E. B. Metodologias ativas: fundamentos, práticas e desafios. São Paulo: Penso, 2023.

MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. São Paulo: Papirus, 2015.

MORAN, José Manuel. Mudanças estruturais na educação para uma aprendizagem mais ativa e profunda. 2015. Disponível em: <https://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/Mudancas-estruturais-na-educacao.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2025.

11 MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

PACHECO, José. Escola da Ponte: formação e transformação da educação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, T. S.; SANTOS, M. V. Gamificação como estratégia pedagógica na educação básica. Revista Brasileira de Tecnologias na Educação, Recife, v. 10, n. 3, p. 84-97, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-7393>. Acesso em: 05 out. 2025.

VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B. Projetos interdisciplinares com tecnologias digitais na escola pública. Educação & Tecnologia, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 45-60, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edutec>. Acesso em: 05 out. 2025.

ⁱ **Tyson Reis Pinto**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2951-4506>

Colegiado de Física, Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Acadêmico do curso de Licenciatura em Física, do Centro de Estudos Superiores de Parintins, campus da Universidade do Estado do Amazonas. Dedicar-se a pesquisas que visam contribuir para a Educação, Ensino e Currículo, com ênfase em Metodologias ativas no ensino de Física. Contribuição de autoria: Planejamento, pesquisa e organização do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4525334284074382>.

E-mail: tysonreis16@gmail.com

Editora responsável: Arlene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 09 de agosto de 2025.
Aceito em 16 de dezembro de 2025.
Publicado em 22 de dezembro de 2025.

Como citar este artigo (ABNT):

PINTO, Tyson Reis. Metodologias ativas na Educação Básica: construindo saberes com autonomia e protagonismo estudantil. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 6, n. 1, 2025.